

A black and white photograph of a woman, Izabel Goulart, posing in a nautical-themed setting. She is wearing a white sailor's cap and a white towel wrapped around her waist. Her hair is wet and she is holding the brim of her cap with her right hand. She is looking down and slightly to the side. The background features a striped flag.

2 ANOS

Be

Um novo Estelita?

Flávio Augusto da
Silva:

“A chance do Kaká
voltar em 2015 é
zero”

Trabalhe 52min,
descanse 17

Izabel Goulart

Ele voltou!

BeCool

Ídalo

do Ano

2014

E agora VOCÊ também escolhe!

Indique todo mundo de quem você é fã e torça! As indicações começam dia 27 de outubro.

#idalodoano no Twitter

facebook.com/RevistaBecool



SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

TWITFEED

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Kristen Stewart

6 | SETLIST

Pra tocar 24 horas

7 | ROTEIRO SP

Outubro de 2014

44 | CRÔNICA

Questão cultural

45 | REFOGADO

La Trappola

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | BECOOL 2 ANOS

Editorial por Gui Adn, editor e curador

10 | UM NOVO ESTELITA?

Mais um monumento à mercê das construtoras

14 | DRINKS CARIBENHOS COM RUM

Receitas de sucesso nas Índias Ocidentais

18 | ESTÁ NA HORA DE VOCÊ TER UM CHAPÉU
FEDORA

Além de estiloso, é um aliado contra o frio

22 | TRABALHE 52MIN, DESCANSE 17

Uma dica para melhorar a produtividade

24 | ENTREVISTA

Flávio Augusto da Silva

30 | ENSAIO

Izabel Goulart em "Ipanema"

42 | SOBRE AS PROVAS EQUIVOCADAS DE AMOR

Se tiver de provar o amor a todo instante, há algo de errado

ENTRE EM CONTATO

Facebook: facebook.com/RevistaBecool

Twitter: @becoolmagazine

E-mail: adngui@gmail.com

Carta aos leitores



Cada ano que passa a gente fica mais velho... Mas para nós é uma ótima coisa. No último dia 5, BECOOL comemorou dois anos em um país onde as revistas duram em torno de três. E não foram dois anos arrastados, parados e entediantes. Foram dois grandes anos.

Temos até agora 173 seguidores no Twitter (contra menos de 100 um ano atrás), 19 curtidas no Facebook (contra três no ano passado), 362 inscritos no Issuu e um canal no YouTube prontinho pra entrar no ar. Nossa audiência foi de cerca 400 para mais de 1000 visualizações mensais em um ano. E tudo isso sem um tostão furado no bolso. Isso sim é disposição!

E é pra celebrar esta disposição que só faz crescer que publicamos um belíssimo ensaio de Izabel Goulart feito para a revista *Lui*. É simplesmente uma das coisas mais belas e bem feitas que já publicamos na história e vale a pena ver. Também tem uma reflexão sobre provas equivocadas e constantes de amor que todo mundo que namora deveria ler.

Na linha de matérias sérias, temos um retrato da situação do engenho e fábrica de Camaragibe em Pernambuco, que pode virar um novo estelita, e uma entrevista com Flávio Augusto da Silva, o brasileiro que comprou o Orlando City. Tem também nosso editorial de aniversário, drinks caribenhos feitos com rum, um guia para usar chapéu fedora, o segredo para descansar bem e render mais no trabalho, Kristen Stewart em "Mulheres que amamos", uma setlist de artistas que poderiam ter rádios 24 horas, o melhor do Twitter, o roteiro dos paulistanos no mês, uma charge e as colunas de Menalton Braff e Marcio Alemão (Mônica de Souza está de férias e volta mês que vem).

Obrigado, caro leitor, por estar conosco nestes dois estimulantes anos. E que venham muitos outros pela frente! A BECOOL 25 já está no ar. Enjoy it!

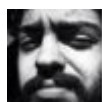
TWITFEED



@meninanaopode: aquele momento mágico em que seu laptop começa a dar choque



@fdvives: Tem um maluco aqui na redação dizendo que comer muita soja aumenta os seios (porém, só para os homens).



@micaelsilva: Twitter, esse enorme open bar de opinião.



@charlesnysz: A Williams é igual ao Palmeiras: já foi grande, vive de passado e nunca mais vai ganhar nada



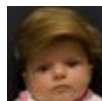
@FChiorino: Sei que vocês vão me apedrejar, mas "Ventura", do Los Hermanos, é um disco que carregarei pelo resto da vida



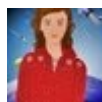
@meua_migo: JA TEM MEME PRA UNS 8 ANOS TA BOM DE DEBATE



@minerobrazao: Idade mental: rindo até agora da expressão 'anais do Senado'.



@mauro_beting: A fase é tão improdutiva que ex-atacante palmeirense lança linha de preservativos



@elainemocnic: Não vou assistir Dupla Identidade por motivos de idosa.



Kristen Stewart

A atriz de 22 anos conquistou os adolescentes de todo o mundo ao participar da saga Crepúsculo, interpretando Isabela Swan. Filha do produtor de televisão John Stewart e da diretora Jules Stewart, Kristen iniciou sua carreira desde cedo. Sua primeira atuação foi como figurante em O 13º Aniversário, lançado pela Disney em 1999.

Desde então, ela já ganhou vários outros papéis nas telonas. Entre eles, O Quarto do Pânico, de 2002, onde era filha da personagem principal, interpretada por Jodie Foster, e Na Natureza Selvagem, que estreou em 2007. Atriz há 13 anos, Kristen fez cenas ao lado de atores conceituados como Sharon Stone e Meg Ryan.

No cinema, a carreira de Kristen ganhou força quando ela estreou como Isabella Swam em Crepúsculo, lançado em 2008. A história do filme já era conhecida mundialmente pelo sucesso do livro em que foi baseado. Tanto que, em 2009, foi lançada a continuação do filme: Lua Nova.

Em 2010, a atriz seguiu atuando no filme que traz a história do terceiro livro da saga: Eclipse. Ainda em 2012, foi lançado o Amanhecer, quarto filme em que ela interpretará Bella Swam e teve cenas gravadas no Brasil.

SETLIST

Pra tocar 24 horas

Saiu recentemente a notícia do passaralho mais estranho da história: uma rádio de notícias localizada na cidade americana de Houston, mandou embora todos os seus jornalistas e desde então só toca Beyoncé 24 horas. Não é música “tipo Beyoncé”; é Beyoncé mesmo. O dia todo! Alguém já imaginou se essa moda pega e nossas falidas emissoras de rádio resolvem tocar um artista 24 horas por dia? Aqui deixamos cinco sugestões.



4. Caetano Veloso

A música brasileira jamais seria a mesma sem ele. Liderança da Tropicália, autor de composições magístrais e inesquecíveis, Caetano pode não ter uma rádio dedicada inteiramente a ele, mas material para uma boa jamais faltaria. Quarto lugar.



2. Luiz Gonzaga

Também não havia como deixar o Rei do Baião de fora. Uma obra tão valiosa que chega a ser indescritível. Verdadeiro tesouro cultural brasileiro, único, atemporal, belo. Uma rádio que tocasse 24 horas de Gonzagão teria muito material, por muito tempo. E jamais perderia a importância.

1. Luka

Não é pela obra, muito menos pelo talento, mas é que seria muito divertido descobrir que músicas ela cantou além de “Tô Nem Aí”, que saturou em um passado não muito distante antes de nos esquecermos totalmente dela. Primeiro lugar pra ela, a artista que faria a rádio 24 horas mais repetitiva do mundo.



5. Os Paralamas do Sucesso

Um dos pedaços mais importantes da história do rock brasileiro, o trio é o único dos “velhos cansados” do rock que ainda é capaz de fazer músicas boas e bem trabalhadas. Merece destaque no cenário musical brasileiro. E, quem sabe, uma rádio 24 horas...



3. Adoniran Barbosa

Verdadeiro rei do samba paulista e referência nacional no tema, Adoniran foi daqueles artistas capazes de fazer um país se orgulhar do termo “cultura popular”. Suas músicas não são complexas e são propositalmente cheias de erros de português. Mas ninguém foi capaz de dizer que não era poeta. Medalha de bronze.





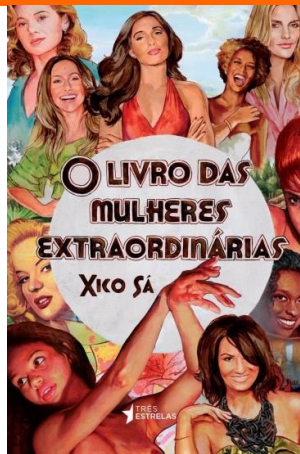
Filme: O Mensageiro

O jornalista Gary Webb (Jeremy Renner) é alvo de uma intensa campanha de difamação após denunciar o envolvimento da CIA com os rebeldes Contras da Nicarágua e o tráfico de cocaína. Baseado em fatos reais.



CD: Bossa Negra

(Universal, R\$ 30) O encontro despretensioso de dois dos maiores expoentes da nova geração da música brasileira, inspirado nos Afro sambas de Baden e Vinícius. De um lado, Diogo Nogueira, filho do grande João Nogueira, trazendo a entidade do Samba autoral do subúrbio, nascido nos morros e jongos, e que hoje canta e encanta o Brasil. Do outro lado, o instrumentista Hamilton de Holanda, nascido na tradição do Choro, que traz em seus dedos a erudição de Villa-Lobos, a genialidade de Pixinguinha e a sofisticação despojada de Tom Jobim, numa leitura sempre brasileira do Jazz.



Livro: O Livro das Mulheres Extraordinárias

(Três Estrelas, 264 páginas, R\$ 40) Mais de cem mulheres brasileiras encontram-se reunidas neste livro, por obra e graça de Xico Sá. A cada uma delas, o escritor e jornalista dedica um elogio sem pudor, uma declaração pública de amor eterno, uma crônica inédita de pura “devoção escancarada”. As beldades desfilam sem parar entre as palavras apaixonadas e fogosas do cronista: Luiza Brunet, Camila Pitanga, Gisele Bündchen, Sabrina Sato, Isis Valverde, Marisa Monte, Thais Araújo... São amores pop que ele divide com as massas. São as guias do erotismo e do afeto no país. São nossas artistas poderosas e nossos seres mitológicos. São a expressão das grandezas do Brasil e da brasilidade.



Show: Luciana Mello

A cantora apresenta o show Luciana Mello em Músicas no Theatro Net em apresentação que tem ainda a participação de seu irmão, Jair Oliveira, que faz homenagem ao pai de ambos, Jair Rodrigues. O repertório tem também músicas de Stevie Wonder, Michael Jackson, Emílio Santiago, Gonzaguinha e Djavan. Luciana participou dos musicais “Pocket Broadway”, “Blood Wedding” e “O Rei e Eu”. Dia 14 no Theatro Net São Paulo: Rua Olimpíadas, 360 - Vila Olímpia. Tel.: (11) 4003-4173. Ingressos: R\$ 50 a R\$ 140.



Balada: Na Mata Café

Depois de uma reforma, o lugar reforçou seu clima de balada pop rock para mauricinhos e patricinhas. O ambiente, ficou dividido em duas áreas: a parte da frente, com vocação de bar e restaurante, conta com mesinhas, um enorme sofá em camurça-clara e tem dois andares, um empoleirado no outro; o fundo é dedicado à diversão. Seu palco deixa espaço livre para uma pista de tamanho considerável. Do cardápio com massas, carnes e saladas, os hambúrgueres se destacam. O cheeseburger na mata é feito com picanha, mussarela de búfala e geleia de cebola, e vem acompanhado por fritas. Para beber, chope Stella Artois e uma série de drinques animam a moçada.

Aryane

BeCool

BeCool

2 anos

Por GUI ADN

A imagem ao lado é a da primeira capa da história da revista que leva ao ar hoje sua 25ª edição. Data de 5 de outubro de 2012 e traz na capa a então panicat Aryane Steinkopf. Além do ensaio (na verdade, link para ensaio), trouxe também um desorganizado roteiro da semana (que na edição nº 2 virou o “Roteiro SP”), um diário de viagem da Nova Zelândia, o *must have* de estilo para o verão 2013, drinks feitos com whisky, alimentos que blindam a saúde dos homens, entrevista com Serginho Groisman, um guia de Las Vegas e colunas de Alberto Villas e Matheus Pichonelli.

Nos meses seguintes tivemos Thaís Bianca, Pietra Príncipe, Bárbara Rossi, Aline Prado, Gil Jung, Anamara, Graciella Carvalho, Ivi Pizzot, especial #VemPraRua, Carol Dias, Bianca Comparato, Mari Alexandre, Bárbara Evans, Thaisy Payo, Camila Oliveira, Fabiana Leis, Cauca Colucci, Ana Paula Nogueira, Clara Aguilar / Vanessa Mesquita, Daniela Cavalieri, Amanda Gontijo, Dani Carmona / Babi Muniz, Jessyca Lobo e, finalmente, Izabel Goulart. Tivemos também uma premiação (o Ídolo do Ano), milhares de tweets, centenas de seguidores, pouquíssimas curtidas, cerca de 300 assinantes no Issuu, uma falência (a da Zeen.com, que hospedou nossas primeiras 13 edições) e muitos motivos de orgulho. Só o que ainda não temos é dinheiro.

E pensar que tudo começou com uma brincadeira... Tá, ainda é uma brincadeira, basta ver o teor das nossas setlists e o fato de que ainda não estreamos nosso canal no YouTube mesmo desejando muito ter um programa. Mas esta brincadeira está cada vez mais presente na vida dos leitores, que hoje estão em milhares, e cada vez mais nós vamos conquistando nosso espaço.

Foram dois anos de três previstos para a primeira fase da revista. Passamos por diversas adversidades, mas conseguimos até hoje cumprir fielmente a missão de entregar as edições na data prometida (tá, com uma ou duas exceções). Vimos muita coisa acontecer, fizemos muita coisa também. E chegamos ao segundo aniversário com consciências tranquilas pelo trabalho que fazemos.

A revista que chega ao número 25 hoje nunca cobriu política partidária, mas não titubeou em abrir espaço para discutir longamente as Jornadas de Junho, cujos impactos se fazem sentir até os dias de hoje. Chegou a questionar, em charge, o que o PT prometia para

2013. Pura liberdade artística. Assistimos ao “saiaço”, à discussão do papel das polícias, à troca do Papa, ao sumiço do Amarildo, ao resgate dos beagles, aos protestos na Venezuela, ao racismo contra Daniel Alves e Aranha, e à ocupação do Estelita.

Não titubeamos em falar do impacto social, para o bem e para o mal, das obras da Copa de 2014, assim como não titubeamos em cobrir o evento do ponto de vista esportivo também. Nos posicionamos firmemente ao publicar uma coletânea de artigos sobre os 50 anos do nefasto golpe de 64. E quando a revista ganhava fama de “revista de mulher pelada” entre certos internautas, explicitamos aos leitores nossa posição firmemente favorável ao topless sem conotação sexual.

O segundo aniversário nos traz todas estas lembranças, assim como nos lembra das nossas brincadeiras intermináveis via Twitter, das nossas diversas “setlists”, dos nossos roteiros, das nossas sempre precisas dicas de moda, relacionamento, cultura, viagem, carreira, negócios,... E sexo, claro. Lembramos também das crônicas mais bem escritas, dos artigos mais inteligentes, das charges mais divertidas.

E claro, lembramos também das mulheres que estamparam nossas páginas e que admiramos. Não como objetos de desejo, entendam, mas como seres dotados de extrema inteligência e carisma, seguros sobre si mesmas. Tentamos escolher ensaios que mostrem uma visão mais artística do corpo feminino, sem submissão e cheia de beleza. Por isso nos orgulhamos de ser, como consta em uma piada interna, a pior revista do mundo pra se ler com uma mão só, opção que fizemos para nos tornarmos uma das melhores revistas para se ler com duas mãos e um cérebro.

São dois anos de conquistas e felicidades, mas ainda assim me pego pensando nos nossos níveis de leitura. A inglesa *ShortList* distribui no reino unido mais de 500 mil exemplares impressos. Que seria dela, inteligente e criativa, no meio de tantas revistas inúteis como essas brasileiras? Motivos para inquietar nunca faltam.

Nem por isso nos prendemos ao desânimo. Existem boas publicações no país e BECOOL quer ser uma delas, requintada sem ser quadrada, humorada sem ser escrachada, inteligente sem ser arrogante. Cotidiano sem máscaras, estilo de vida inteligente, sensualidade em forma artística, opinião exposta sem meios termos.

É isso que faz tão especial este aniversário de dois anos que agora comemoramos. É isso que torna especial cada edição nossa. E é isso nos incentiva a continuar. Quem sabe até os 80, como a *Esquire*...

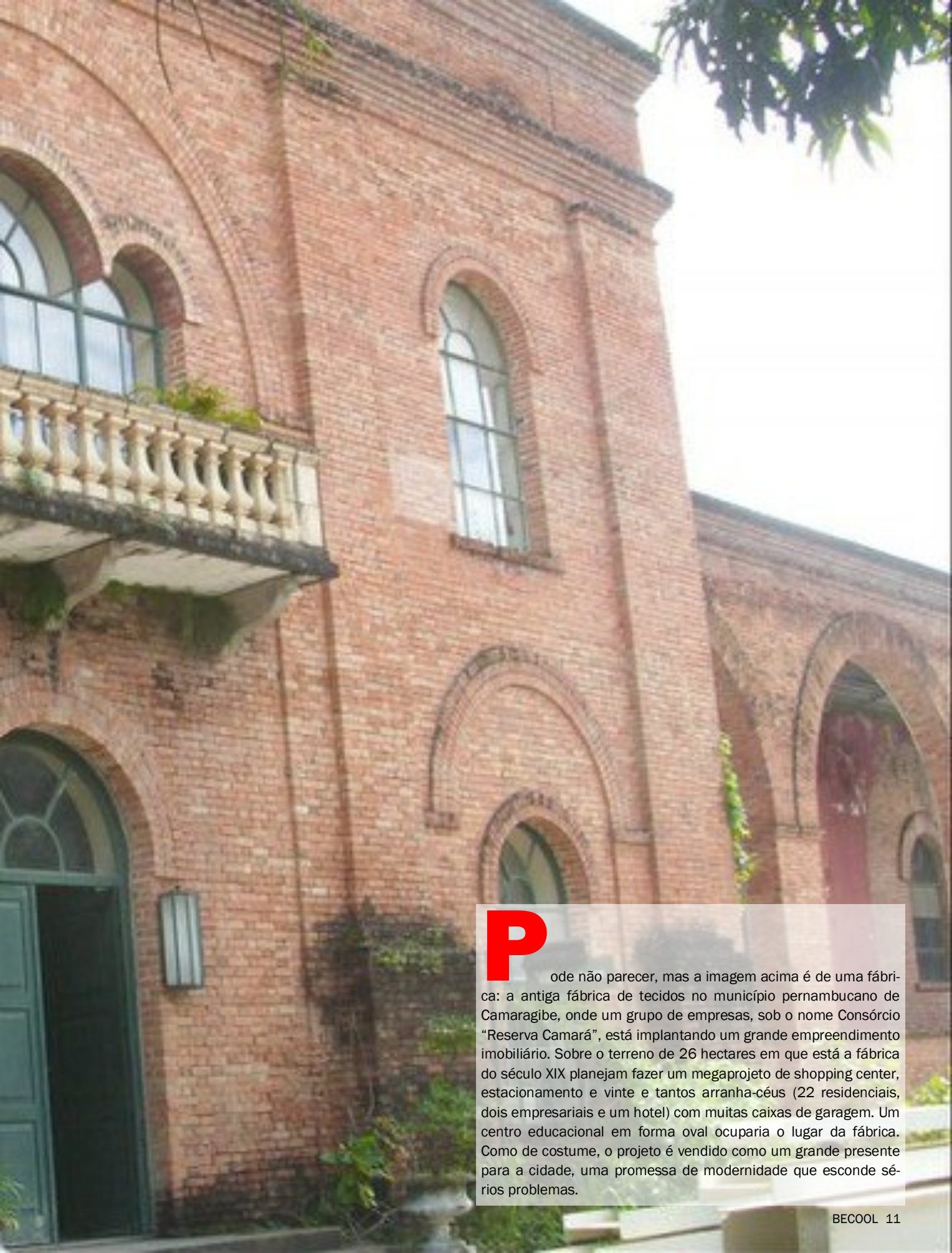


UM NOVO ESTELITA?

Engenho e fábrica de Camaragibe, em Pernambuco, estão à mercê das construtoras, como ocorreu com o Cais José Estelita, no Recife.

Por LUCAS ALVES

10 revistabecool.blogspot.com



P

ode não parecer, mas a imagem acima é de uma fábrica: a antiga fábrica de tecidos no município pernambucano de Camaragibe, onde um grupo de empresas, sob o nome Consórcio “Reserva Camará”, está implantando um grande empreendimento imobiliário. Sobre o terreno de 26 hectares em que está a fábrica do século XIX planejam fazer um megaprojeto de shopping center, estacionamento e vinte e tantos arranha-céus (22 residenciais, dois empresariais e um hotel) com muitas caixas de garagem. Um centro educacional em forma oval ocuparia o lugar da fábrica. Como de costume, o projeto é vendido como um grande presente para a cidade, uma promessa de modernidade que esconde sérios problemas.



A fábrica de tecidos foi construída nas terras do Engenho Camaragibe, que data de 1549. A casa grande do engenho, mais conhecida como Casa de Maria Amazonas, é o maior símbolo de Camaragibe, reconhecido como patrimônio histórico pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e em processo de tombamento federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Se o projeto for levado adiante, sua paisagem será completamente descaracterizada.

O cotonifício é parte fundamental da história da cidade e um edifício marcante da arquitetura industrial. Com a implantação da fábrica, Camaragibe viria a se transformar em cidade, separando-se de São Lourenço da Mata e deixando de ser apenas parte da economia da cana-de-açúcar. Seus tijolos foram feitos em olaria própria, construída em 1890, da qual resta apenas a chaminé, destruída em uma das ampliações e hoje destinada a enfeitar um estacionamento.

A Companhia Industrial de Pernambuco criou, junto com a fábrica, uma das primeiras vilas operárias da América Latina. A Vila da Fábrica, planejada pela empresa, era um bairro residencial com os serviços urbanos essenciais: saneamento básico, abastecimento, saúde, serviço religioso e educacional. Tinha até um prédio para quem não era casado: a “República dos Solteiros”, que se mantém de pé até hoje. Foi a partir da fábrica que a cidade cresceu, trazendo a fundação de outros bairros, como o Alto da

Boa Vista e a Vila Nova.

A fábrica foi marcante também em sua organização e no legado social que deixou. Carlos Alberto de Menezes, primeiro diretor da fábrica, inscreveu no estatuto da companhia princípios de cunho cristão que conferiam benefícios aos operários e, segundo registros, teria estimulado a vinda de ordens religiosas da Europa (como os salesianos e os maristas) para capacitar operários e educar seus filhos. Promoveu a criação da Corporação Operária de Camaragibe, cujo pioneirismo no Brasil trouxe a visita do presidente Afonso Pena em 1905. Da organização operária iniciada na fábrica de Camaragibe surgiria a primeira legislação sindical urbana do Brasil, o decreto 1.637 de 1907.

Segundo Plano Diretor, a área do empreendimento está em Zona de Requalificação Urbana, que “compreende o Centro histórico-cultural do Município, e seu entorno, (...) apresentando características de degradação e risco de perda deste patrimônio”. Por isso, quase todas as diretrizes desta zona referem-se à preservação do patrimônio histórico-cultural, a saber: “a conservação integrada do patrimônio histórico-cultural incluindo ações específicas de proteção e preservação que compatibilizem uso e manutenção do acervo do patrimônio cultural municipal”; “o aproveitamento econômico sustentável do patrimônio cultural”; “a integração das ações públicas e privadas destinadas à proteção do patrimônio cultural existente”; “a sensibilização da comunidade local, dos

É possível até aumentar o lucro preservando o patrimônio histórico e ambiental.



proprietários e possuidores de bens de valor cultural, sobre a importância da conservação da identidade local para o desenvolvimento sustentável do município”; “a integração entre a educação pública municipal e as iniciativas de proteção ao patrimônio cultural”.

Em vez de valorizar o patrimônio da cidade, como ordena o Plano Diretor, o Consórcio “Reserva Camará” quer cercar de altos prédios a fábrica, destruir sua planta original e deixar apenas duas fachadas, uma brincadeira de mau gosto com as boas práticas de preservação. Achando pouco, ainda inserem arranha-céus na paisagem mais emblemática de Camaragibe, a casa grande do Engenho Camaragibe, uma perspectiva que nunca é mostrada na propaganda do projeto.

Parte da esperança reside na Fundarpe, órgão no qual foi protocolado recentemente um pedido de tombamento da planta original da fábrica, com um polígono de preservação em seu entorno. A iniciativa é semelhante ao pedido do grupo Direitos Urbanos e de moradores do bairro da Torre, no Recife, que solicitaram ao órgão o tombamento do Cotonifício da Torre quando construtoras pretendiam ali construir mais de uma dúzia de torres e um shopping center. Nada impede, entretanto, que parta dos empreendedores e projetistas a iniciativa de fazer algo integrado à memória e às particularidades locais.

As cidades brasileiras, e em Pernambuco não é diferente, têm

sido reféns de megaprojetos que prometem desenvolvimento atropelando a legislação urbanística e ambiental, esquivando-se da participação popular e da transparência, muitas vezes revelando arranjos público-privados nada impessoais. São projetos que geralmente ampliam a exclusão social, criando redutos de riqueza segregados do tecido urbano preexistente, e que se apoiam em paradigmas arcaicos de urbanismo, como o da mobilidade rodoviária e carrocêntrica ou dos condomínios apartados do convívio social, cercados de desertos urbanos (ainda que “verdes”). Como no caso do projeto Novo Recife, no Cais José Estelita, grandes empresas se apropriam de espaços de interesse público e vendem privilégios que deveriam ser de usufruto comum, como as vistas para as belas paisagens de corpos d’água, áreas vegetadas e monumentos históricos.

Exemplos de aproveitamento comercial de instalações industriais preservadas não faltam: da LX Factory, em Lisboa, ao SESC Pompéia, em São Paulo, e à Fábrica Bhering, no Rio de Janeiro. Mesmo do ponto de vista imobiliário, é possível conciliar e até aumentar o lucro preservando o patrimônio histórico e ambiental. Para isso, é preciso que o poder público, a começar pela Prefeitura de Camaragibe, a Fundarpe e o IPHAN, assumam a responsabilidade pela resguardo da memória e pela gestão democrática das cidades. ■

Drinks caribenhos com rum

Separamos algumas receitas que fazem sucesso nas Índias Ocidentais e que você pode preparar em casa para animar a noite com a parceira.

Por GUILHERME CARVALHO





O rum tem se tornado uma bebida bastante corriqueira no Brasil nos últimos tempos, especialmente com a popularização de alguns rótulos da marca Bacardi. Mas, ao contrário do que se vê aqui, no Caribe a bebida é secular e muito bem valorizada.

E como não podia deixar de ser, muitos drinks à base do rum surgiram por aquelas bandas. Como nós temos o compromisso de ensiná-lo alguns drinks para que você tenha sempre uma carta na manga na hora de surpreender uma gata, separamos quatro misturas simples e fáceis de fazer e que com certeza fará você ganhar alguns pontos com ela. Confere só:

RUM



Santo Libre

Esse é um drink bastante popular na República Dominicana e pode ser encontrado em alguns bares de São Paulo. Para fazer o Santo Libre combine, em um copo cheio de gelo, 60 ml de rum, claro ou encorpado, com refrigerante de limão. Para finalizar, complemente com algumas gostas de limão. Pronto. Agora é só beber.

Drink com rum e água de coco

Tá aí um drink que cairia muito bem por aqui: uma combinação entre rum e água de coco. E para preparar basta combinar 60 ml de rum ouro com água de coco fresca (não de caixinha). Para finalizar, dê umas pitadas de Angostura. Esse drink é bastante comum nas ilhas Trinidad e Tobago.

Rum Punch

Diretamente do Caribe, este drink é, como o próprio nome sugere, um verdadeiro soco no estômago. Combine, num copo com gelo, 45 ml de um rum escuro, cerca de 15-30 ml de um rum com graduação alcoólica elevada (a exemplo do Bacardi 151, que possui 75,5% de álcool) e 15 ml de xarope de açúcar.

Para amenizar a parada, complete com um mix de sucos de frutas (laranja, limão e abacaxi, por exemplo) e adicione algumas



gotas de groselha e Angostura para um sabor extra. Como toque final, raspe um pouco de noz-moscada por cima.

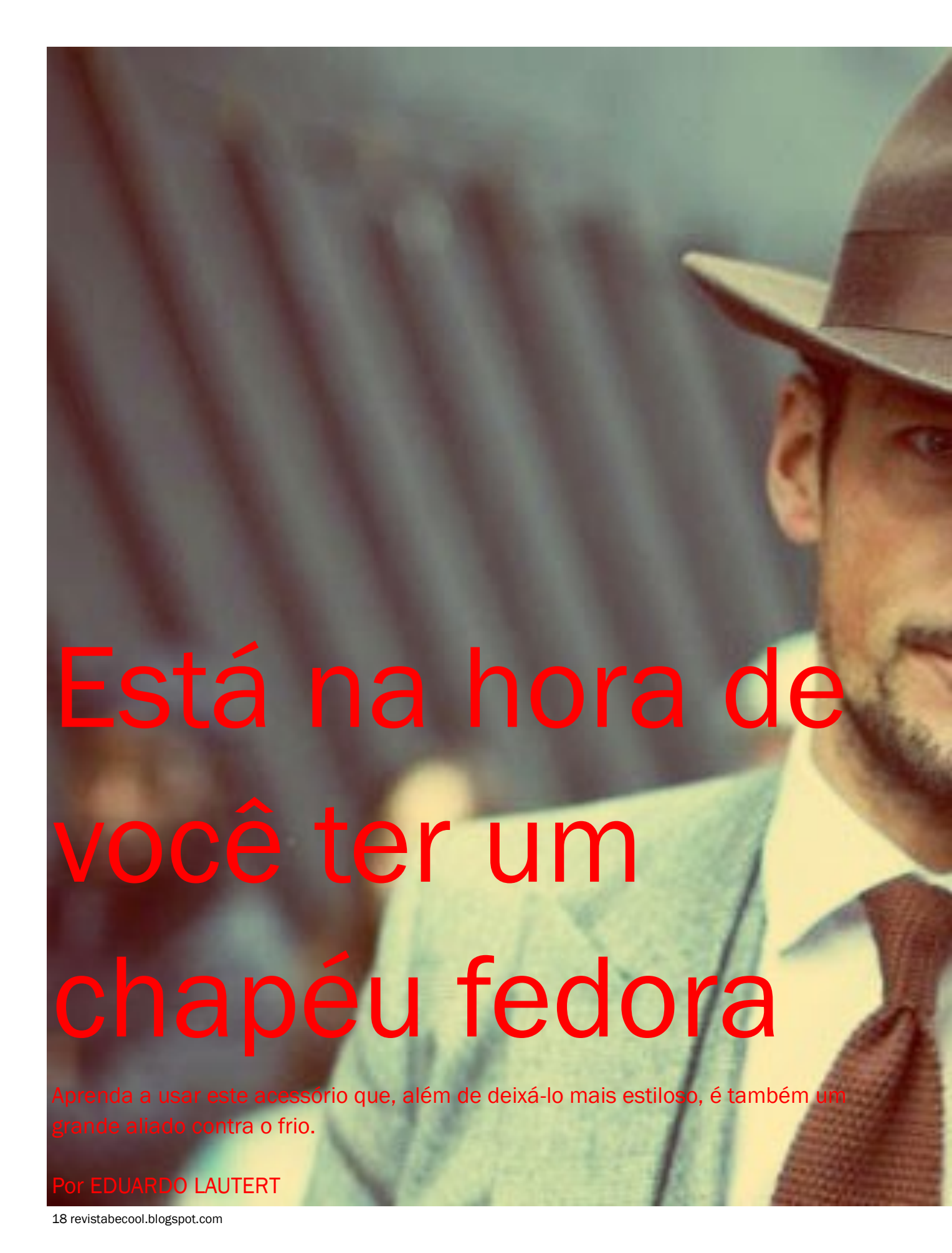
Black & Stormy

Este é o drink mais fácil de se fazer em casa. O único problema é encontrar a cerveja de gengibre que a receita pede. Mas se você não encontrar o produto próximo à sua casa, pode comprar pelo site da cervejaria Sauber Beer.

Para o drink, despeje 60 ml de rum escuro em um copo cheio de gelo. Complete com cerveja de gengibre e adicione o suco de meio limão. Mexa um pouco e esta pronto! ■

O rum tem se tornado uma
bebida corriqueira no Brasil



A close-up, slightly blurred photograph of a man's face and upper torso. He is wearing a brown fedora hat, a light-colored shirt, and a dark tie. The background is out of focus, showing what appears to be a crowd of people. The overall tone is vintage and stylish.

Está na hora de você ter um chapéu fedora

Aprenda a usar este acessório que, além de deixá-lo mais estiloso, é também um grande aliado contra o frio.

Por EDUARDO LAUTERT



Falar de chapéu para homens pode ser uma tarefa mais árdua do que parece. Isso porque muita gente se confunde e pensa que eles são apenas um adereço para dar “estilo”.

Acontece que não é bem assim.

Chapéus obviamente que dão mais elegância e atitude a um visual. Mas também servem como aliados na proteção contra o sol e contra o frio.

Porém se usados da maneira errada, podem arruinar um figurino inteiro.

É por isso que hoje estamos aqui com uma dica de modelo bem interessante. O fedora (ou borsalino) é um dos modelos mais tradicionais do mercado.

Originalmente feitos de feltro, ele possui abas maiores e mais retas, diferente dos modelos mais modernos, com estampas e abas muito curvas.

Popularizados por ícones como Frank Sinatra e Fred Astaire, podem ser vistos até hoje nas cabeças de caras como Johnny Depp e David Beckham.

Claro que, por serem feitos de um material mais grosso e pesado, seu uso é mais indicado para o inverno. Mesmo assim, podem ser usados nos dias de mais calor para proteger contra os raios solares. Basta optar por modelos mais leves e finos. ■

FEDORA



Chapéus são aliados na
proteção contra o sol e contra o frio.





Trabalhe 52min, descanse 17

Quer render melhor no trabalho? Faça pausas regulares ao longo do dia

Por PEDRO COHN



Quanto mais uma pessoa trabalha, maior é sua produtividade, certo?

Contrariando toda a lógica, a resposta é “não”. E quem está dizendo isso não somos nós, mas a ciência.

Uma empresa chamada Draugiem Group, especializada em tecnologia, decidiu fazer um experimento com seus funcionários.

Para isso eles instalaram o aplicativo DeskTime, desenvolvido pela própria companhia, em todos os computadores do escritório.

O DeskTime, basicamente, é um programa que monitora as suas atividades, revelando quanto tempo você passa em diferentes aplicações (Twitter, Word, YouTube, etc) ao longo do dia.

Qual foi a conclusão deles?

A rotina ideal é 52 minutos de trabalho e 17 minutos de pausa.

“O segredo da produtividade é trabalhar de uma maneira mais inteligente, fazendo pausas regulares”, disse Julia Gifford, uma das idealizadoras do projeto, num artigo publicado no site The Muse.

“Funcionários produtivos trabalham 52 minutos com 100% de intensidade e depois descansam, para deixar seu cérebro rejuvenescer e se preparar para o próximo turno.”

Conclusão?

Se você quer trabalhar mais inteligente, ajuste no seu celular um lembrete para fazer essas pausas ao longo do dia.

E, na hora de trabalhar, esqueça tudo que está ao seu redor e foque-se completamente na tarefa. ■

‘A chance do Kaká voltar em 2015 é zero’

O empresário Flávio Augusto da Silva conta por que decidiu investir no futebol dos EUA e revela suas expectativas à frente do Orlando City, franquia que estreia na MLS em 2015.

Por FABIO CHIORINO

“O

ovo ou a galinha? Quem nasceu primeiro foi o dinheiro”. Flávio Augusto da Silva não tem qualquer pudor em abrir os números de seus investimentos, incluindo os US\$ 110 milhões gastos para se tornar dono do Orlando City e carimbar a entrada do clube na Major League Soccer (MLS), a liga americana de futebol. O empresário brasileiro parece já ter absorvido boa parte da cultura esportiva dos Estados Unidos. Com todos os números frescos na memória, explica por que decidiu colocar tanto dinheiro num esporte tão imprevisível, mesmo sem ser apaixonado por futebol. E antes mesmo de estreiar na MLS, já projeta um retorno de US\$ 1 bilhão em oito anos. “Investir em futebol nos EUA foi como descobrir uma fonte de água mineral infinita no deserto do Saara”, comemora. Responsável pela contratação de Kaká, a grande estrela do Orlando City, Flávio garante que não há possibilidade de o jogador renovar o empréstimo com o São Paulo. Confira a entrevista completa concedida ao Esporte Fino em seu escritório na capital paulista.



Flávio, o que fará da MLS uma potência do futebol internacional em menos de 10 anos?

Dinheiro. O Benfica recebe € 30 milhões por ano de direitos de televisão. Barcelona recebe € 500 milhões de Euros. Como é que competem entre si? Não competem. Quanto recebem o Flamengo e o Corinthians no Brasil e quanto recebe o Botafogo, ou a Chapecoense? Quem tem mais dinheiro contrata os melhores atletas e forma os times mais fortes. É o recurso financeiro que determina a qualidade do time que você tem.

Esse movimento é irreversível?

Na década de 80, eu chorei quando o Zico foi para a Udinese. Naquela época, começou uma debandada de craques que jogavam aqui, em especial para a Itália. Sócrates, Júnior, Falcão. A liga italiana tinha mais dinheiro e iniciou esse movimento. Era um sucesso de público, o que resultou em melhor retorno financeiro nos contratos de televisão.

O futebol é um esporte de TV. A Fifa não ganha dinheiro com patrocínio e ingresso, e sim com os direitos de televisão que vende para o mundo todo. Boa parte do faturamento dos clubes vem da televisão.

E como essa receita evoluiu dentro da MLS?

Há quatro anos, a MLS pagava para seus jogos serem transmitidos. No primeiro contrato assinado a liga recebeu US\$ 17 milhões por ano. Um valor ridículo, mas melhor do que pagar. Era um primeiro reconhecimento de que aquilo tinha algum valor. Esse contrato vence em 2014. Para 2015, já foi assinado o novo contrato anual, com valor de US\$ 140 milhões [ESPN, Fox, NBC e Univision]. Uma prova da grande valorização do mercado interno. Daqui a oito anos, fala-se em um contrato de US\$ 600 a 800 milhões por ano, o que resultaria num contrato total de US\$ 4 a 6 bilhões. Ou seja, será nessa hora que vamos ter dinheiro para contratar os melhores jogadores do mundo.

Antes desse intervalo, você acredita que a MLS já consiga trazer jogadores mais expressivos, e não apenas jogadores renomados próximos da aposentadoria?

Daqui oito anos, sim. A MLS entra nesse circuito para contratar os melhores jogadores no seu auge.

Só o dinheiro é suficiente para atrair esses atletas?

O ovo ou a galinha? Quem nasceu primeiro foi o dinheiro. Com



mais dinheiro, o nível técnico da MLS vai melhorar e atrair mais esses craques. É um ciclo que já começou. O nível da liga norte-americana já subiu. Ainda está abaixo da Europa, mas não muito distante do Brasil, por exemplo. A equipe que temos hoje é muito mais fraca do que aquela que vai estreiar na MLS em 2015. Só serão mantidos seis jogadores do atual elenco. O resto será contratado. Vamos formar um novo time, ainda mais forte.

Qual a importância do Kaká e do futebol brasileiro para atrair mais público a MLS?

Kaká é um jogador especial e, claro, alavanca a audiência interna. Mais do que isso: atrai a audiência do mundo inteiro. Na atualidade, é o atleta mais seguido em redes sociais dos Estados Unidos, à frente até de astros da NBA, como Michael Jordan e LeBron James [Kaká tem 20,8 milhões de seguidores no Twitter, contra 14,7 milhões de LeBron e 1,94 milhão de Jordan].

O Kaká é o cara perfeito para Orlando?

Foi o melhor jogador do mundo, conquistou tudo: Copa do Mundo, Champions League. Desde muito jovem, não se mete em confusão. Inteligente, diferenciado. É o cara certo, sim.

Por que decidiu investir tanto dinheiro num time de futebol?

O que é tanto dinheiro para você?

US\$ 110 milhões [valor que Flavio Augusto pagou para se tornar dono do Orlando City].

A questão não é o valor investido, e sim o retorno que ele pode dar.

Mas por que um time de futebol, já que você vem de um segmento totalmente diferente [rede de escolas de inglês WiseUp, vendida recentemente para a Abril Educação por R\$ 960 milhões]?

“Quem nasceu primeiro foi o dinheiro”.



Nesse momento, estou consolidando propostas com investidores que querem entrar no clube, e a avaliação do Orlando City já é de US\$ 325 milhões, quase três vezes mais o valor inicial investido. E a gente ainda nem chutou a bola na MLS. Ou seja, já podemos dizer que o valor investido foi pouco.

E qual o retorno que você imagina no médio prazo?

Minha perspectiva é de US\$ 1 bilhão em oito anos.

A sua ideia é se manter como dono, ou vender sua parte depois, assim como aconteceu com a WiseUp?

Eu sou empresário. O Orlando City pode ser vendido a qualquer momento. Pode ser

Eu sou empresário, um empreendedor. Morei em Orlando entre 2009 e 2012 e lá observei que o futebol já era um fenômeno, mas o mundo ainda não tinha percebido. Quando existe uma distância entre a realidade e a percepção da maioria, surge uma oportunidade. Fiz algumas pesquisas, que comprovaram isso. O futebol já era o esporte mais praticado nos Estados Unidos. Também observei uma enorme quantidade de crianças participando dos torneios.

Essa oportunidade me dava alguns benefícios, como ganhar muito dinheiro e investir num projeto muito legal. Foi como descobrir uma fonte de água mineral infinita no Deserto do Saara.

Por que Orlando?

A MLS não tinha clubes no sudeste do país. E Orlando é a cidade mais visitada do mundo atualmente, recebe quase 60 milhões de turistas por ano. Como comparação, o Brasil inteiro recebe 6 milhões. É uma cidade internacional, com potencial imenso de transformarmos o Orlando City em uma marca global.

Pra onde vai esse investimento agora?

Os US\$ 110 milhões fazem parte de um projeto maior. Primeiro, comprei um clube que estava numa espécie de segunda divisão [USL]. O segundo passo foi fazer com que o Orlando City entrasse na MLS. E entrar significa ser sócio da própria liga. Cada dono de uma franquia é sócio da MLS hoje. E isso tem um preço, como o estádio novo, por exemplo, que é uma exigência. Do total investido, 70 foi para a MLS, 30 para o estádio e 10 para o clube.

E você já teve algum retorno financeiro?

vendido amanhã. Meu objetivo hoje é longo prazo, é ficar no negócio. Sou apaixonado pelo projeto, mas isso não vai influenciar minhas decisões. O Los Angeles Clippers, da NBA, foi comprado por US\$ 12 milhões e acaba de ser vendido por US\$ 2 bilhões. Acredito que o futebol segue o mesmo rumo de valorização e pretendo ainda me divertir muito nas partidas de futebol.

Além de ser dono, você participa ativamente da gestão técnica do futebol?

Eu sou dono do clube. Posso contratar 22 goleiros para jogar no time, mas é óbvio que nunca farei isso. O diretor de futebol e o técnico são bastante envolvidos e respeitados e prestam conta pra mim. Procuro dar espaço para eles trabalharem. A minha contratação do Kaká é relacionada ao futebol e também ao marketing. Não interfiro nas outras decisões de contratação, porque isso me tiraria a capacidade de cobrá-los no futuro.

Maior número de ingressos vendidos nas últimas duas Copas e audiências superiores às de ligas consolidadas, como NBA e beisebol. O que levou o americano a deixar de ignorar o futebol?

Era um processo desenhado. Minha decisão de compra foi antes disso. O americano já era apaixonado por futebol, mas esse fenômeno ainda não acabou. Até 24 anos de idade, o futebol é o segundo esporte mais assistido dos Estados Unidos, só perdendo para o futebol americano, e o mais praticado no país entre jovens de até 17 anos [cerca de 24 milhões].

E quando essa chave começou a virar?

A Copa de 1994 foi muito importante. Dois anos depois, a MLS foi criada. Um começo difícil, muitas franquias fecharam as portas. Tinha que colocar uma bela grana no negócio. Mas a liga foi crescendo, até chegar num ponto de viabilidade. A entrada do David Beckham também deu uma alavancada na costa oeste. E agora chegou a um estágio perceptível.

O David Beckham é hoje seu concorrente?

Eu cheguei primeiro, então ele que tem que me ver como um concorrente. O Beckham só deve entrar na liga entre 2017 e 2018. Tem muito chão pra ele ainda.

Ter um clássico local pode até ser bom para os negócios...

Exatamente. Eu acho que a rivalidade é importantíssima para o futebol na Flórida crescer. Ganhar um derby contra o Beckham seria muito interessante.

Não tem medo que a presença do Beckham em Miami ofusque de alguma forma o Orlando City?

O que ele vai fazer? Vai entrar dentro de campo para jogar? Até ele entrar na liga, já vamos ser até campeões da MLS.

Após vencer a temporada regular USL, quais as metas do Orlando City na liga principal em 2015? Acha que é possível equilibrar contra franquias como Seattle Sounders ou LA Galaxy?

Um ranking divulgado recentemente colocou o Orlando City como a oitava equipe mais forte dos Estados Unidos, mesmo sem estrearmos na MLS. Nos EUA, sempre fazem um balanço das 100 primeiras partidas de um time. Completamos essa marca agora e somos o melhor time americano da história dentro desse parâmetro.

Vamos montar uma equipe forte e competitiva. Em termos de elenco e comissão técnica, temos totais condições de vencer a MLS logo no primeiro ano. Existem variáveis emocionais e desafios, claro, mas se chegarmos ao menos nos playoffs já será uma grande vitória. Nossa meta conservadora é essa.

É verdade que vocês tentaram trazer também o Robinho?

Sim, a gente negociou com o Milan, que nos ofereceu o jogador. Nós aceitamos, fizemos uma proposta e ficamos aguardando uma resposta. Quando percebemos que a posição deles estava demonstrando, optamos por dar um prazo de validade, para que não houvesse especulação. O prazo venceu e acabamos retirando a proposta. Se tivéssemos fechado, provavelmente teríamos cedido o Robinho por empréstimo ao Santos, como fizemos com o Kaká.

E por falar em especulação, é verdade que vocês tentaram contratar o Flávio Caça-Rato, do Santa Cruz?

Nem sabia quem era esse jogador. Nunca houve conversa nem existiu proposta. Pura especulação, o que também é um sinal de reconhecimento.

Existe alguma possibilidade de o São Paulo renovar o empréstimo com o Kaká?

A chance do Kaká jogar no São Paulo em 2015 é zero. Todo o



projeto do Orlando City está em torno dele. Fizemos um grande investimento na sua contratação e ele estreia conosco na MLS.

O salário do Kaká é muito maior que dos outros jogadores do Orlando City?

É maior do que os salários somados de todo o resto do time. Um contrato de US\$ 6,7 milhões ano, segundo as informações divulgadas pela própria MLS. É o segundo atleta mais bem pago das Américas. Só fica atrás do Frank Lampard, que fechou com o New York City [US\$ 7,8 milhões por ano].

Como funciona a divisão do dinheiro pago pelas transmissões de TV para os clubes?

Hoje, toda a receita da TV é direcionada a MLS. Como somos sócios, o dinheiro volta para os clubes em forma de investimentos em infraestrutura e salários dos jogadores, com exceção dos jogadores especiais [designated players], que são pagos pelos próprios clubes. É o caso do Kaká, inclusive.

Por que de forma geral o Brasil tem hoje clubes endividados, liga fraca tecnicamente e estádios vazios?

Porque não tem um dono. Se tivesse, ninguém faria dívida. Se o Orlando City tiver US\$ 100 milhões de dívida, quem tem que pagar sou eu. Os presidentes dos clubes brasileiros não pensam no negócio. Estão mais preocupados em se eleger. São mais políticos do que gestores. Acho esse modelo ruim, o que também explica por que investi nos Estados Unidos. Eu sou o maior interessado em que o clube não dê prejuízo.

Algum clube no Brasil se destaca?

Existem bons clubes no Brasil. São Paulo e Fluminense são parceiros, têm dirigentes inteligentes, mas fazem parte de um modelo ultrapassado. Não adianta ter profissionais com pensamento diferenciado, se os clubes estão dentro de uma estrutura que não favorece. Nos Estados Unidos, não existe isso de dirigente. São empresários que colocam muito dinheiro no negócio e estão construindo o futebol no país.

Isso pode explicar também os prognósticos de que a seleção norte-americana caminha para vencer uma Copa do

Mundo?

Nas últimas sete Copas, os Estados Unidos se classificaram no mínimo para as oitavas de final [na realidade, os EUA foram eliminados na primeira fase das Copas de 1990, 1998 e 2006]. Chegou às quartas em 2002. Já é um país relevante no Mundial. Nem Inglaterra e Uruguai tiveram desempenho igual nesse período. Os Estados Unidos não são mais um nanico no futebol internacional. Com esse crescimento, não se duvida que vão sediar uma nova Copa do Mundo rapidamente e até mesmo conquistar o título.

Nos EUA, as ligas esportivas oferecem um produto para a família. No Brasil, isso não ocorre. Até que ponto esse modelo americano permite que uma liga como a MLS cresça de forma mais rápida?

Isso está relacionado ao contexto do Brasil. As pessoas têm medo de andar na rua, de sair com a família, de ser assaltadas, de apanhar no meio da torcida. A mulher não quer ir ao estádio porque o banheiro é fedido. Futebol é um show. Quem organiza o futebol tem que pensar em toda a infraestrutura e segurança. Do contrário, vira praça de guerra.

Nós tivemos uma briga na nossa torcida recentemente e banimos os envolvidos. Três caras beberam a mais e foram presos. E eram caras bacanas, torcedores apaixonados, que respeitávamos. Não entram mais no estádio e decidimos que a torcida organizada da qual fazem parte não pode mais entrar com bandeira, batuque. Acabou. Nós não queremos briga no estádio. A gente quer que o futebol também seja um esporte para a família. Tolerância zero com briga.

Qual é a sensação de colocar dinheiro em um esporte tão imprevisível quanto o futebol: euforia ou medo?

Não existe nada seguro e estável no ambiente de negócios. É mentira se eu disser que não tive frio na barriga. Nunca havia investido mais de US\$ 1 milhão em nada na minha vida. Por outro lado, estava muito convicto da oportunidade. O empreendedor é muito movido pela visão, coragem de arriscar e competência de colocar o projeto em prática.

Você investiria US\$ 110 milhões em algum clube brasileiro?

Na realidade, não investi, eu comprei um clube. E isso não existe no Brasil. Os clubes não são empresas. Vou botar essa quantia no Brasil a troco do quê? Seria loucura. Eu não tenho paixão pelo futebol. Gosto de futebol como todo brasileiro, mas quero ganhar dinheiro com esse negócio. E isso não é pecado. E quem ganha com isso também é o torcedor, que vai ter um clube saudável, com bons atletas, bom estádio e vitorioso.

A gente viu algumas tentativas no Brasil, como o caso do Audax. Mas quem vai torcer para esse time? O Palmeiras pode estar na quinta divisão, mas o palmeirense vai continuar torcendo. O clube que não tem torcedor não tem visibilidade, patrocinador, cota de televisão. Não tem nada.

Como flamenguista, qual o seu jogador e título inesquecíveis?

Zico e o Mundial de 1981.

Quando foi ao Maracanã pela última vez?

Faz muito tempo. Nem me lembro.

Sente saudades da vida como torcedor?

Nunca fui um torcedor fanático. Hoje, infelizmente, o que me faz ir

ou não ao Maracanã é a questão de segurança. Eu gostaria de ir com os meus filhos, mas não me sinto seguro.

Foi em algum jogo da Copa do Mundo no Brasil?

Não, nenhum.

Por quê?

Segurança, mais uma vez.

Mas você é um grande empresário. Poderia sentar ao lado do Joseph Blatter...

Poderia, é verdade. Eu era inclusive patrocinador da Copa [WiseUp], mas o caminho até as tribunas é longo. Me tornei uma pessoa mais pública e não me senti seguro. E ir sozinho, sem a minha família, não faria sentido. Não ia curtir a festa.

700 mil brasileiros visitam Orlando a cada ano. Você acredita que o torcedor daqui possa seguir o Orlando City com a mesma empolgação que acompanha times da Inglaterra ou Espanha, por exemplo?

É possível e estamos tratando de conquistar esse torcedor. Orlando é uma cidade muito querida pelo brasileiro, o que cria uma identificação direta entre as duas partes.

Você cogita trazer mais jogadores brasileiros para o Orlando City?

Vamos trazer pelo menos mais dois brasileiros para a estreia na MLS.

Pode adiantar algum nome?

Posso, mas não devo. Só não te abro os nomes, porque o Esporte Fino vai publicar e depois fica mais caro para eu fechar a contratação.

São do eixo Rio-São Paulo?

Sim, são jovens e jogam em grandes clubes da Série A.

Em que pé está o novo estádio do Orlando City?

Estávamos jogando num estádio improvisado na Disney. No ano passado, atuávamos no Citrus Bowl, usado na Copa de 1994, com capacidade para 63 mil pessoas. Esse estádio, que é da prefeitura, foi colocado abaixo e o novo será inaugurado em janeiro de 2015. É lá que vamos jogar na MLS. Ainda em setembro, começa a construção do nosso estádio, com 20 mil lugares. A média de público da MLS hoje é de 19.500 torcedores por jogo. Não faz sentido ter um estádio maior. Prefiro ter um ingresso mais caro, com menos pessoas no estádio e gerando demanda para a televisão.

Vocês já têm um programa de ingressos para o torcedor?

Com nove meses de antecedência, vendemos até agora 8.500 season tickets. A tendência é inaugurarmos o estádio com 16 mil. Os pacotes custam de U\$ 400 a U\$ 1.500.

Com a inauguração do novo estádio, como você imagina fazer o brasileiro escapar dos outlets para assistir um jogo na cidade?

Os jogos são à noite, então ele conseguirá se programar. O difícil vai ser conseguir lugar, já que os ingressos para os jogos em casa já estão quase esgotados. Mas a gente pretende vender os lugares disponíveis com bastante antecedência, para que viaje pra cá com o ingresso garantido.

Como o brasileiro pode adquirir o ingresso?

Por enquanto, só vendemos direto pelo site, mas vamos em breve criar alguns pacotes especiais. O brasileiro vai agora visitar o Mickey Mouse, o Pateta e o Kaká. ■



Ipanema

PAR DANIEL JACKSON

WEEK END DE MAISON
EN LAIN, WOOL, COTON EN OR,
JEANNE PIERRE
CUT MAILLON DE DAN, GALEN.







SAI DE MILLOT DE BAIN,
RESURRECTION VINTAGE,
SHIRT, BELT & VANDER,
CROCKETS EN CO,
JENNIFER FISHER,
REALIZATION, GEORGE
CUTINA, MISS EN BLANC,
WENDY HOME, CHEZ FEM
HOMARD MANAGEMENT,
COUTURE, CHIFFE POUR
CHIFFE HAIR CARE, CHIFFE
SALON MARS BEACH,
MIRA, CURE, BO TACHIKAI,
NEOLES, CAROL GOUZAT,
CHEZ MONSIEUR, GOSUN,
LIGUE CHEZ MILKMAN,
N. BACQUA, KAREN GOSIA,
RETOURNE, GLOSS NY,
PRODUCTION, SELECT
PRODUCTION,
MORO & DANIELLEUM POUR
LE CASTING.









TUNIQUE, THE ROW.



CASQUETTE DE MARIN VINTAGE.
WHAT GOES AROUND COMES
AROUND. BAS DE MAILLOT DE BAIN,
CHLOÉ. BRACELET ET BAGUES,
INEZ&VINOODH. CRÉOLES EN OR,
JENNIFER FISHER.

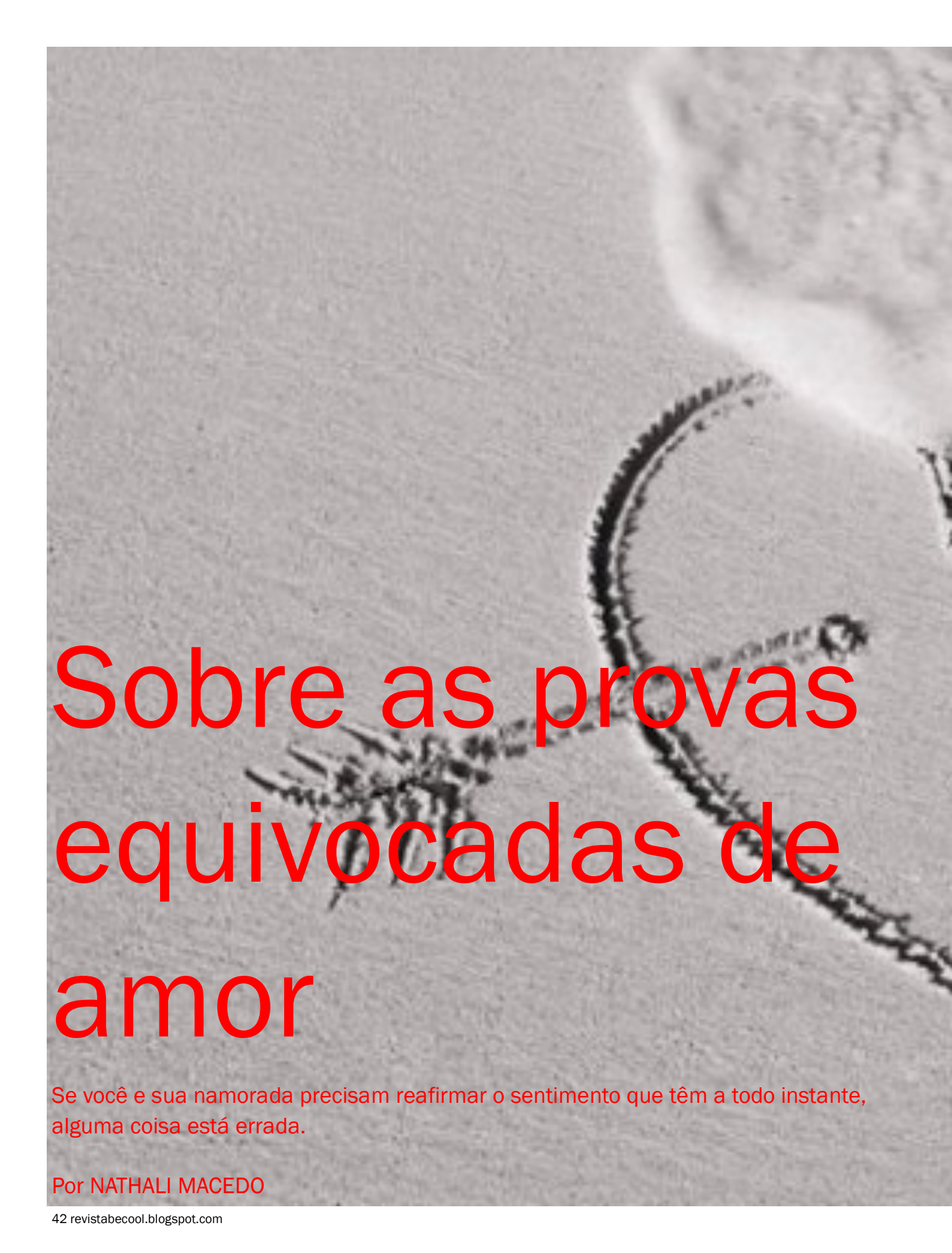


HAUT EN MAILLE,
TOM FORD.





ELLE: BODY EN COTON, ALTUZARRA.
CRÉOLES EN OR, JENNIFER FISHER.



Sobre as provas equivocadas de amor

Se você e sua namorada precisam reafirmar o sentimento que têm a todo instante, alguma coisa está errada.

Por NATHALI MACEDO



S

empre desconfiei de amores que precisam ser provados. Porque os amores verdadeiros que conheço estão subentendidos. Nota-se nos olhos, no modo como se pronuncia o nome um do outro, na importância que se dá aos menores detalhes.

Amores genuínos não precisam ser referendados publicamente, porque até um cego pode vê-lo. Os amores verdadeiros dispensam contratos, alianças e status de relacionamento nas redes sociais. Embora, muitas vezes, nada prove que ele está ali, ninguém se atreve a duvidar.

Tenho visto, entretanto, gente que transforma a relação em um verdadeiro inferno em nome desta certeza incompreensível de que amor que é amor precisa ser provado – pra si mesmo e para o mundo. Principalmente para o mundo. Gente viciada em exagero, em protocolos inúteis e em atenção.

A concepção moderna de amor é tão absurdamente controversa que as mais ridículas provas de amor são, também, as mais corriqueiramente valorizadas: tatuar o nome do companheiro em letras garrafais, mandar um buquê com 174 rosas vermelhas – de preferência pro trabalho, porque quanto mais pessoas souberem o quanto você é amado, melhor – trocar o status de relacionamento do Facebook, excluir o nome do (a) ex da agenda...

Um milhão de atitudes inúteis, frágeis e descartáveis que não servem para absolutamente nada além de provar até onde pode ir a insegurança humana.

E que tamanha tortura deve ser um relacionamento em que tudo precise ser provado, referendado, autenticado e registrado

em cartório – para ambas as partes. Que agonia imensa deve ser ter que acordar todos os dias tendo que pensar – entre um stress do dia-a-dia e outro – no que fazer para provar o tal amor. E que desassossego sem fim viver se perguntando se o outro realmente te ama só porque não te mandou bombons no aniversário de um ano e sete meses de namoro, ou simplesmente porque não estava em um bom dia pra rir das suas piadas.

Que tristeza deve ser viver um amor sempre posto à prova, sempre tão incerto e intranquilo.

Sempre que vejo atitudes tão desnecessárias, costumo duvidar de que ali, de fato, haja um amor genuíno, cuja existência poderia ser notada sem que precisasse ser atestada o tempo todo.

Porque, se nem mesmo quem protagoniza a relação consegue percebê-la com clareza – a ponto de precisar de infinitas comprovações – é incoerente que a relação seja bem-vista por olhos estranhos. E se a beleza do amor – que está nas coisas mais simples – não pode ser percebida por quem julga senti-lo, é provável que ele sequer exista.

Porque o amor se prova tacitamente, na sutileza do cotidiano: na forma como se cuida do outro quando ele adoce, como se atura o mau-humor, a distração, os defeitos. No modo como se fala – e, principalmente, no modo como se ouve. A cumplicidade é abstrata e só pode ser captada por quem de fato a compreende e a vivencia – sem buquês caros e descartáveis ou tatuagens de gosto duvidoso.

Só sei que apenas os amores sutis me convencem: amores sem conveniências, rituais obrigatórios, rótulos ou provas exageradas. Amores que apenas existem pra quem interessa, e que, na beleza das pequenas gentilezas, apenas se deixam acontecer. ■

Questão cultural



Dia destes rodava pela Rodovia Cândido Portinari e, sem pressa, ia apreciando a paisagem. Colinas cobertas de cana, umas tantas árvores remanescentes como ilhas de um verde mais intenso, uma casa de fazenda na encosta e, finalmente, um posto de combustível. Parei para abastecer e resolvi tomar um cafezinho. Não sou muito chegado a cafezinho de beira de estrada, mas a monotonia ia pesando minhas pálpebras. No balcão, só eu, então resolvi provocar o rapaz que me servia.

– Você sabe por que esta estrada tem o nome de Cândido Portinari?

Ele ergueu os dois ombros, arregalou os olhos e espichou a lábio inferior, sabe, aquela careta de quem é pego de surpresa. Sei lá, foi a resposta, quem sabe foi algum político nascido por aqui.

Voltei à estrada com o coração murcho de decepção. Não que o Portinari não tivesse opiniões políticas, todos sabemos que tinha. Mas o trabalho genial do pintor que o tornou célebre. Uma questão cultural.

Meses depois já estava com a ideia mais bem formulada e, em

uma reunião em que se discutiam aspectos urbanísticos de uma cidade, expus meu projeto em formação.

Os logradouros públicos de uma cidade podem ser aproveitados para incrementar o conhecimento das coisas culturais do Brasil. Isso não é ideia minha, ou pelo menos não inteiramente. Já li, não me perguntem quando ou onde que não vou saber responder, que em algumas cidades da Europa se faz algo do tipo.

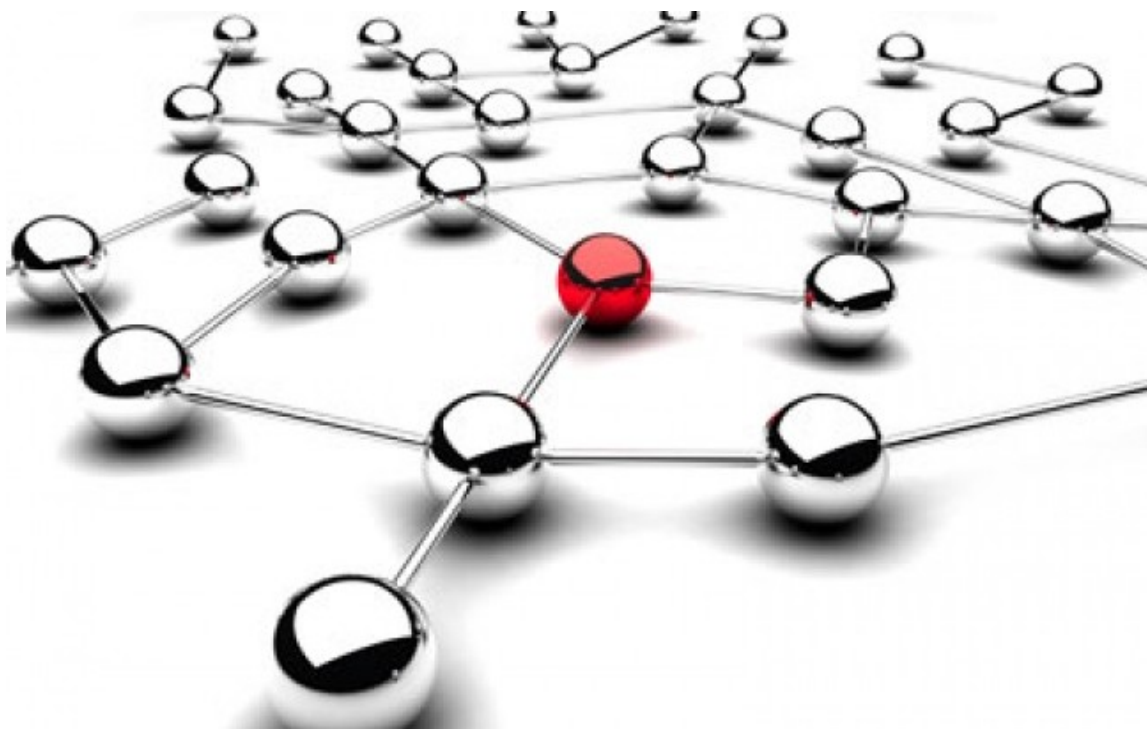
Nesse dia, durante a reunião, discorri sobre a possibilidade, por exemplo, de criar uma placa com um soneto do Camões na praça que leva seu nome. Na rua Castro Alves, por que não gravar um poema do próprio na calçada? E fui dando exemplos de

atitudes que se poderiam adotar, sem custo quase nenhum para o erário público, bastando motivar os moradores das imediações para que assumissem a paternidade da transformação. E mesmo que as prefeituras assumissem o encargo de melhorar o tão vilipendiado nível cultural do povo, seria com pequena despesa a prestação de um serviço que é, como não?, de sua alçada.

Bem, entre os circunstantes ouvintes, havia comerciantes, economistas, políticos, jornalistas e sei lá quanta gente mais. Quando voltei a sentar, percebi que se olhavam obliquamente depois desviavam os olhos para o chão. Foram assim alguns segundos até que um vereador, um velho vereador velho, soltou a primeira risada. Foi o suficiente para que os demais se sentissem encorajados a rir a plenos pulmões.

Que seja, continuemos achando que o Castro Alves, o Camões e o Cândido Portinari foram políticos que nasceram por aqui. Mas que a reprodução em tamanho compatível de algumas telas do Portinari (em locais estratégicos) deixaria a paisagem de sua estrada bem mais agradável, ah, disso tenho certeza.

La Trappola



all'imbroglia di bosco. Battuta di portafoglio in umido di seppie. Chiacchiere alla napoletana. Brasato di scemo al Barolo bianco.

De volta ao Brasil, vejo que a cena gastronômica continua efervescente, mesmo que você não saiba.

Food Trucks em alta. Precisamos ver como vão conviver com ciclovias e ciclofaixas. Na minha opinião, nada que um pouco de tinta não resolva. Se bem que mais coerente com Nova Amsterdã seriam as Food Bi-

Estive viajando. Europa. Poucas cidades. A melhor refeição, de longe, foi em Brugges, em um local encantador. A pior, em Veneza. Não por falta de ótimas indicações, mas por falta de numerário para conferir. Mas também por lá comi, em local agradável, um peixe no sal. Exemplar.

Ocorre que, na Itália, e em boa parte do mundo, existe uma cadeia de restaurantes que não para de crescer: La Trappola. Em Veneza, você pode cruzar com dezenas de La Trappola em uma única rua. O truque mercadológico que lançaram mão, admito, é deveras eficiente: cada local tem um jeitão e um nome diferente. Se você não gostou muito do A, tente o B. E dessa maneira continuam muitos a frequentar o La Trappola, ainda que não saibam.

Como disse, está pelo mundo e cresce mais rápido que bambu em tempo de chuva. No Brasil, mais precisamente aqui, na Nova Amsterdã, no bairro do Bexiga, a cadeia La Trappola fez morada.

Cito alguns pratos que são um verdadeiro sucesso: Spaghetti alla fregatura di mare. Risotto al vino bianco e nero. Saltimbocca

kes

E, por esses dias, enquanto pedalava feliz, me sentindo cidadão de Primeiro Mundo, senti também um pouco de fome. Por sorte estava perto do Go Dog, uma casa de cachorro-quente que até o presente tem resistido de maneira hercúlea às sugestões do Júnior. Para que você tenha ideia, Alfredo e Tarso, os sócios-proprietários, não cogitam sequer a entrada do purê de batatas e molho pomarola. Também o queijo cheddar, ainda que o paulistano já tenha deixado claro que gosta de qualquer coisa alaranjada que lambuze boca e mãos, demorou para entrar na casa. Por fim, um inglês de bom sabor conseguiu o visto.

Nenhuma salsicha do Go Dog é vermelha ou lembra paredes da toscana. São artesanais, tradicionais, feitas em pequena escala com muito sabor. O pão é do Padeiro Máster Rogerio Shimura e faz a diferença. Para o almoço alguns pratos estão sendo testados, tendo a salsicha como inspiração. Por ora recomendo os dogs. Rua Delfina, 42. Tem valet para bicicleta.

MENALTON BRAFF é ex-professor e escritor.

COMEÇA A SEMANA DO TRÂNSITO



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El Hombre, CartaCapital, YouTube, Adorocinema, Lui, Esporte Fino, Livraria Saraiva, Submarino, Folha de São Paulo, Veja São Paulo, ObaOba e Terra

MAIS
+

REVISTAS

BECOOOL é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



Inscriva-se

issuu.com/dddgilvan

youtube.com/user/revistabecool

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

